

## UMA GEOGRAFIA DO GOLFO IBÉRO-MARROQUINO\*

SUZANNE DAVEAU<sup>1</sup>

Em 1981, os Serviços Geológicos de Portugal publicaram em francês uma Memória consagrada a um estudo de grande novidade: a *Análise Geomorfológica da Plataforma Continental de Portugal e províncias adjacentes*. Devida à colaboração de um geógrafo, Jean-René Vanney, e de um geólogo, Denis Mougénou, esta obra constituía um avanço ímpar no conhecimento da Geografia física de Portugal, porque “todos os elementos das paisagens submarinas” da plataforma continental “conservam a marca dos acontecimentos que ocorreram nas terras adjacentes e nas profundezas oceânicas vizinhas.”

Agora, é o Instituto Hidrográfico de Lisboa que, em colaboração com a Casa de Velásquez de Madrid, publica, também em francês, uma *Geografia do golfo ibéro-marroquino*, devida a dois geógrafos, Jean-René Vanney e Loïc Ménanteau. Esta obra não é menos inovadora e importante que a anterior. Pelo contrário, a sua ambição é maior ainda, por constituir uma tentativa de análise geográfica integral, aplicada a um espaço marítimo. “Ela nunca separa a terra do mar e considera o golfo ibéro-marroquino em todos os seus aspectos, físicos e humanos, desde a geomorfologia submarina, a hidrologia marinha e a climatologia, até à história da ocupação humana e a degradação dos ambientes litorais, perturbados pelo desfloramento das terras interiores, a construção de barragens nos rios e a invasão turística”, para retomar as palavras do prefácio de Alain Huetz de Lemps.

Nada mais raro que as descrições coordenadas e explicativas dos aspectos geográficos de domínios marítimos circunscritos. As únicas tentativas parecidas que conheço correspondem a alguns dos capítulos da célebre e monumental *Géographie Générale des Mers*, publicada em 1933 por Camille Vallaux, onde diversos mares ou grandes golfos se encontravam já apresentados nas suas características físicas próprias e no seu tipo de inserção no domínio humanizado. Mas nada que se pareça com o novo estudo aprofundado do espaço atlântico delimitado pelos litorais do Algarve, da Andaluzia e do Norte de Marrocos. A forte originalidade hidrográfica de um espaço com mais de 50 000km<sup>2</sup> e próximo da Europa faz dele a porção mais estudada dos oceanos, mas importa frisar que a personalidade geográfica do golfo não é apenas física. Foi o lugar onde as velhas civilizações do Mediterrâneo entraram em contacto com as imensidades muito tempo desertas do Atlântico. O golfo (ou “saco”) de Cádiz, como era geral-

---

\* Recebido: 14/06/2006. Aceite: 16/06/2007.

<sup>1</sup> Investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.  
E-mail: sdaveau@clix.pt

mente conhecido, teve um significado especial para os portugueses, por ter sido sulcado, durante séculos, pelos veleiros muçulmanos e cristãos, que juntavam os litorais dos Algarves de aquém e de além mar, e pelos barcos que circundavam a Península Ibérica entre o Mediterrâneo e as Flandres. Era a parte mais próxima do famoso *Mar* ou *Vale das Éguas*, situado entre o continente e os arquipélagos da Madeira e das Canárias, ou seja, da parte mais acessível e praticamente domesticada do oceano, aquém do temeroso Mar Tenebroso. Mais tarde, este mesmo *Mediterrâneo atlântico* foi o lugar onde se concentravam as grandes frotas ibéricas, antes de zarpar para as longínquas Índias ocidentais e orientais. Foi, depois, o palco onde se deram boa parte das grandes batalhas navais que estabeleceram a supremacia inglesa nos mares. Hoje, as águas do golfo constituem tanto o espaço nocturno trágico onde tantos infelizes encontram a morte ao tentarem atingir a miragem do paraíso europeu e o panorama soalheiro das praias onde os nórdicos vêm buscar a baixo preço férias de sonho. Um mundo marítimo tão profundamente humanizado merecia com certeza uma abordagem de geografia completa, que tentasse um retrato tão rico e coordenado quanto possível dos seus múltiplos aspectos.

Esta Geografia do golfo ibéro-marroquino apoia-se no aprofundado e prolongado conhecimento directo da região que conseguiram os dois autores. Durante vários decénios procederam a investigações de campo, tanto na terra como no mar (participação em cinco campanhas do *Ifremer*), estudando a geomorfologia submarina e subaérea, o regime das águas marinhas e fluviais, a ocupação humana actual e as marcas arqueológicas que as anteriores deixaram. Recorreram à análise sistemática das coberturas de imagens de teledetecção, a uma ampla recolha bibliográfica (cerca de 500 títulos utilizados) e traduziram os resultados das suas pesquisas tanto em textos de tipos variados, claramente distinguidos pela disposição tipográfica, como numa abundante e excelente expressão gráfica, que ocupa cerca de metade das 228 páginas do livro e que, longe de ser a vaga ilustração que tantos livros incorporam sem tirar grande partido dela, constitui a apresentação eficaz e pedagógica de grande parte dos numerosos temas tratados. Os autores conseguiram o desafio de oferecer aos leitores uma obra muito densa mas que pode, com facilidade, ser lida em conjunto, ao seguir o fio do texto principal, ou consultada como uma verdadeira enciclopédia, estudando um por um os documentos figurados, que associam muitas vezes vários desenhos, explicados através de clara e ampla legenda, ou ainda os numerosos textos enquadrados, que apresentam, em caracteres mais pequenos que o texto principal, temas mais circunscritos.

É impossível resumir um livro tão denso, variado e rico. A honestidade dos autores fornece aliás, a todo o passo, as fontes sobre as quais apoiaram as suas interpretações e faz assim do livro uma base imprescindível para qualquer nova investigação a realizar, quer no próprio Golfo, quer em qualquer outro mar litoral e humanizado. Citam-se a seguir apenas os títulos dos diversos capítulos, extraídos do precioso resumo português (p. 16-18). Depois do Prólogo, que apresenta *O Mediterrâneo em pleno Atlântico*, o Capítulo I trata de *A inserção fronteiriça*: “uma fronteira conflituosa (...) um enredo de limites móveis (...) diferentes civilizações (...) frentes hídricas (...) limites orográficos (...) margens continentais e articulações entre placas litosféricas. O Capítulo II apresenta *O balanço positivo* do golfo, devido à sua posição abrigada e encarado tanto no seu regime médio como nas oscilações sazonais. O Capítulo III trata de *Os forçamentos em jogo*: do Atlântico aberto vêm o forçamento da maré, os fluxos eólicos de Oeste e de Sudoeste e o afluxo termodinâmico gerado pelo anticiclone dos Açores. Da periferia do golfo vêm, às vezes em oposição, brisas litorais, águas e partículas fluviais,

surgências de águas frias do Norte e, principalmente, o afluxo profundo de águas mediterrâneas através do estreito de Gibraltar. O Capítulo IV apresenta *As flutuações geográficas* que afectam irregularmente o sistema oceânico quase concêntrico do golfo. O capítulo V é dedicado a *Os paradoxos do confinamento*, vistos tanto numa óptica de diferenciação regional interna do golfo como na sua evolução temporal, geológica e histórica. Aos *constrangimentos antigos* (enchimento sedimentar, erosão litoral, ocupação humana precoce seguida de certa anemia e isolamento) são contrapostos os *novos riscos*, ligados à posição periférica no quadro da Comunidade Europeia e à “litoralização” galopante, mercantil e devastadora.

## BIBLIOGRAFIA

- Vallaux C (1933) *Géographie Générale des Mers*. Librairie Félix Alcan, Paris.
- Vanney J-R (2002) *Géographie de l’Océan Global*. Gordon & Breach, Paris. (Ver recensão: Ana R P (2002) *Géographie de l’Océan Global*. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, XXXVII(74): 167-172).
- Vanney J-R, Ménanteau L (2004) *Géographie du golfe ibéro-marocain*. Instituto Hidrográfico, Lisboa/Casa de Velásquez, Madrid.
- Vanney J-R, Mougenot D (1981) *La Plate-forme continentale du Portugal et les Provinces adjacentes: analyse géomorphologique*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 28: 86 p (+ 41 fig.).